

# Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Nº 136

MARÇO DE 2023

CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



## OLHO CRÍTICO

Premiado com o Nobel há 25 anos, José Saramago deixou um legado de questionamento sobre os sistemas de poder e as injustiças nas relações humanas



# Um caso improvável

Juliana Sehn



Único autor de língua portuguesa premiado com o Nobel, José Saramago jamais deixou de questionar e denunciar as desigualdades sociais que marcaram sua trajetória e de seus familiares

Saramago é uma plantinha muito comum em hortas, terrenos baldios e beiras de estrada do território português. O caule áspero e os pelos grossos contrastam com as florezinhas delicadas em forma de cruz, brancas ou amarelas, que aparecem no fim do inverno. Cozidas com azeite e sal, as folhas picantes e ricas em vitaminas e sais minerais podem ser transformadas em uma refeição. No entanto, essa utilização caiu em desuso por ser associada a momentos de fome e privação, em que pessoas mais pobres recorriam a ela para se alimentar.

Quando José de Sousa e Maria da Piedade — habitantes da aldeia de Azinhaga, na província portuguesa do Ribatejo — registraram o nascimento do segundo filho, o funcionário do cartório estava bêbado e decidiu, por vontade própria, acrescentar ao documento da criança o sobrenome “Saramago”, apelido pelo qual era conhecida a família do casal, pela sua condição de pobreza. Assim, o bebê foi batizado de José de Sousa Saramago (1922-2010), fato que só foi descoberto quando o menino completou sete anos e ingressou no ensino primário.

O pai, que não gostava do apelido desde que se mudara para Lisboa, ficou furioso. Mais tarde, porém, não apenas aceitou o sobrenome do filho, como o adotou oficialmente para si mesmo, tornando-se também José de Sousa Saramago. “Suponho que deveria ter sido este o único caso, na história da humanidade, em que foi o filho a dar nome ao pai”, diz Saramago no livro autobiográfico *As Pequenas Memórias* (Companhia das Letras, 2006). Mais tarde, o nome ficaria conhecido mundialmente pelo primeiro e único Prêmio Nobel de Literatura concedido a um escritor de língua portuguesa.

## De um extremo ao outro

O jovem Saramago tirava boas notas na escola primária e no liceu, onde era estimado por colegas e professores. No entanto, os pais do menino não puderam mantê-lo na escola, o que o levou a concluir sua educação por meio de uma formação profissional como serralheiro mecânico — curso que ofertava, surpreendentemente, uma disciplina de Literatura, na qual ele teve o primeiro contato com a área. Após terminar os estudos, enquanto trabalhava em uma serralheria, começou a frequentar uma biblioteca pública de Lisboa. “E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou”, diz o escritor em uma autobiografia disponível no site da Fundação José Saramago.

Em 1947, quando nascia sua única filha, Violante, nasceu também o seu primeiro livro, *Terra do Pecado* (Editorial Minerva). Após escrever mais dois romances, um deles inacabado, Saramago abandonou o projeto da literatura, convencido de que não tinha nada a dizer que valesse a pena. Passou os 19 anos seguintes sem escrever, voltando em 1966, com *Os Poemas Possíveis* (Porto Editora). Após o golpe político-militar de 1974 em Portugal, ele foi demitido do *Diário de Notícias*, onde era diretor adjunto, o que o levou a se dedicar integralmente à literatura. A partir daí, Saramago escreveu diversos romances, além de contos e peças de teatro. Em 1995, publicou *Ensaio Sobre a Cegueira* (Companhia das Letras), que viria a ser a sua obra mais conhecida. Ganhou, no mesmo ano, o Prêmio Camões e, em 1998, o Nobel de Literatura.

Para além da qualidade literária, Saramago impressiona por ser um “caso improvável”, como comenta o ensaísta e professor português Carlos Reis, comissário das comemorações do centenário do autor, em 2022, e curador da exposição *Voltar aos Passos que Foram Dados*, atualmente em cartaz na Biblioteca Pública do Paraná após circular por outras cidades brasileiras e portuguesas. “É extraordinária essa capacidade de um sujeito como Saramago sair de condições tão precárias do ponto de vista

social e econômico e atravessar, em poucos anos, de um extremo ao outro, e de uma maneira tão íntegra e qualificada”, adiciona o pesquisador, produtor cultural, Érico Vital Brazil, um dos organizadores do livro *Saramagos: 100 Anos de José* (Solar do Rosário).

Mesmo chegando a esse outro extremo, Saramago manteve-se sempre muito ligado aos primeiros anos de vida, marcados por dificuldades e escassez. A conexão permanente com essa primeira memória contribuiu para que o autor se tornasse um militante e crítico persistente dos sistemas de poder vigentes e da injustiça entre as relações humanas. Saramago nunca deixaria para trás a realidade que viu e vivenciou no passado. “Tentei não fazer nada na vida que não envergonhasse a criança que fui”, diz ele em *As Pequenas Memórias*.

## Críticas diretas

Marcado por uma trajetória de cenários contrastantes, o escritor português se tornava, quanto mais conhecido, também mais polêmico, em consequência das críticas diretas que fazia em relação a assuntos como desigualdade social e capitalismo. Saramago tocava a ferida de muita gente até mesmo em relação à religião, em um país como Portugal, de população majoritariamente católica. Em 1993, antes do Camões e do Nobel, ao ter o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (Companhia das Letras) vetado de ser apresentado no Prêmio Literário Europeu pela censura do governo português — que o considerou ofensivo aos católicos —, o autor e sua esposa Pilar del Río decidiram se mudar para a ilha Lanzarote.

Também causava alvoroço o fato de o português se considerar comunista. Após o desmoronamento da União Soviética, quando questionado sobre esse posicionamento político, ele declarou ser um “comunista de espírito”, no sentido de adotar o marxismo como regra de pensamento e comportamento, com base especialmente em princípios humanistas.

Os questionamentos que apimentavam as falas do autor e provocavam debates por onde passava marcavam também os temas centrais de seus livros. Para a professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Paraná e coordenadora da Cátedra Camões José Saramago da UFPR, Patrícia Cardoso, é justamente a preocupação de Saramago com as questões sociais, para além da escrita singular, que concedem maior qualidade à sua obra. “Ele era um ativista. A sua preocupação não se restringia ao âmbito do texto literário”, explica Patrícia.

Érico Vital Brazil enxerga a combinação entre a militância e a literatura de Saramago como uma ferramenta poderosa que o autor soube utilizar, conforme foi ganhando mais espaço, para reivindicar direitos humanos básicos e universais. “A arma dele é a palavra”, comenta.

A capacidade do autor português de tocar em assuntos essenciais nas relações humanas permaneceu atual mesmo após a sua morte, a exemplo do período mais agressivo da pandemia do coronavírus, em que seu *Ensaio Sobre a Cegueira* esteve entre os livros mais vendidos no Brasil — chegando à nona posição entre os *best-sellers* da lista de ficção da revista *Veja* em março de 2020. A obra, que inspirou um filme dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles, trata de uma epidemia de cegueira branca que se espalha pelo mundo e impulsiona a capacidade de violência e egoísmo da humanidade em meio ao caos.

## Língua escondida

“O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever”, afirmou José Saramago há 25 anos, na cerimônia em que recebeu o prêmio Nobel de Literatura. O escritor se referia a seu avô materno, Jerónimo Melrinho, que, junto com a esposa Josefa Caixinha, passou por uma vida de escassez na aldeia de Azinhaga. Ainda assim, Jerónimo era apegado à vida que tinha, a ponto de abraçar chorando cada árvore de seu quintal para se despedir no momento em sentiu a morte se aproximar. “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer”, disse Josefa ao neto, quando o marido já havia partido.

Ao homenagear os avós em um evento solene como a cerimônia do Prêmio Nobel, Saramago chacoalhava mais uma vez quem o estivesse assistindo, chamando a atenção para a injustiça e a desigualdade social.

Desde então, nenhum outro autor de língua portuguesa recebeu um Nobel de Literatura. Antes de 1998, já se debatia quem poderia ser o primeiro escritor do idioma a ser laureado pela Academia Sueca. Jorge Amado e José Saramago comentavam sobre a possibilidade de um dos dois ser escolhido, ambos comprometendo-se a se convidarem à cerimônia caso a conquista

de fato ocorresse por um ou outro. Mais tarde, abatido por problemas da velhice e com uma profunda depressão, o brasileiro interrompeu a correspondência com o amigo. No entanto, quando soube que Saramago finalmente havia vencido o prêmio tão confabulado entre os dois, reuniu forças para ditar uma mensagem parabenizando-o, em sua última carta ao português.

Hoje, os debates permanecem diante do fato de que um segundo escritor ou escritora do nosso idioma ainda não recebeu o Nobel. As principais hipóteses para explicar o cenário têm a ver com o âmbito político, econômico e social que influencia a premiação, além do pequeno espaço ocupado pela língua portuguesa em escala mundial.

“A língua portuguesa, como diz o grande escritor Machado de Assis, é uma língua escusa, um pouco escondida. Não é uma língua de poder”, explica Carlos Reis. O professor acredita que para escritores do idioma chegarem ao patamar do prêmio Nobel, não basta apenas a qualidade. Há a necessidade de uma boa tradução em diversas línguas, além da circulação em editoras ou jornais que forneçam destaque internacional. Reis adiciona que o fato de Saramago ter vivido na Espanha o ajudou muito nesse sentido, uma vez que o país é uma caixa de ressonância muito mais forte do que Portugal.

Por conta desses fatores, muitos autores considerados geniais pelo professor não chegaram a ser premiados. Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto são alguns dos autores brasileiros citados como merecedores não reconhecidos pelo Nobel, na opinião de Carlos Reis e do próprio Saramago, como disse em entrevista ao Caderno G da *Gazeta do Povo* no ano de 2000.

Antes de receber o prêmio, o autor português lamentou a Jorge Amado: “Não há nada que fazer. Eles não gostam de nós. Não gostam da língua portuguesa (que deve parecer-lhes sueca...) não gostam das literaturas que em português se pensam, sentem e escrevem”.



## ➤ Jorge Amado e Saramago

Patrícia Cardoso acredita que o ativismo e a preocupação de Saramago com questões fundamentais à sociedade, as quais transcendem ao próprio texto, foram elementos que também contribuíram para que ele recebesse a distinção. Para a professora, assim como para Érico Vital Brazil, a capacidade do escritor de tocar o que há de mais humano nos leitores, lidando com questões universais, que ultrapassam a barreira da língua, é uma característica que o destacou como candidato ao Nobel.

Érico também reitera a existência de um lado político da premiação que dificulta a visibilidade mesmo dos mais excelentes autores lusófonos. Para o pesquisador, a falta de políticas públicas que incentivem e valorizem a cultura certamente têm um impacto nessa questão. “Ninguém pode dar valor ao que não conhece. Se você não tem contato com aquilo, não existe”, explica. ◀

# Um presente para Saramago

Jornalistas e escritores recordam a visita do Nobel de Literatura a Curitiba, há 23 anos

Em 3 de dezembro do ano 2000, José Saramago, aos 78 anos de idade, chegou ao Brasil para uma turnê de lançamento de *A Caverna*. O autor português, premiado com o Nobel de Literatura há apenas dois anos, estava orgulhoso por conseguir terminar de escrever um novo livro ainda antes da virada do século, para deixar evidente sua opinião sobre o mundo em que vivia.

A Companhia das Letras promoveu a ida de quatro jornalistas paranaenses para uma coletiva de imprensa intimista com o autor, em um hotel em São Paulo. Entre eles estava Roberto Nicolato, na época responsável pelo setor de livros do suplemento de cultura Caderno G, da *Gazeta do Povo*. Ele lembra que os profissionais foram recebidos com carinho e atenção pelo escritor.

De volta à Curitiba, Nicolato produziu uma reportagem publicada na capa do Caderno G do dia 6, uma quarta-feira. A ideia era que o material incentivasse o público a comparecer a um evento do qual Saramago participaria na capital paranaense na sexta-feira da mesma semana.

Segundo o jornalista, José Saramago ficou tão satisfeito com a entrevista que chegou a comentar com Luiz Schwarcz, fundador da Companhia das Letras, que não precisaria nem ir para Curitiba, já que o material havia resumido tudo o que ele gostaria de dizer. Brincadeira à parte, o autor não deixou de comparecer ao

compromisso marcado com os curitibanos, que já haviam retirado os ingressos para o encontro, disponíveis em uma das lojas da rede Livrarias Curitiba. Saramago ainda não sabia que seria surpreendido com um raro presente.

Na sexta-feira, dia 8, o professor e bibliófilo Júlio Paulo Calvo Marcondes foi ao Centro de Convenções de Curitiba, na Rua Barão do Rio Branco, para ver o autor lusitano. Levou dois livros — um para ser autografado por Saramago e outro para presentear-lo. O regalo era uma primeira edição autografada de *Angústia*, de Graciliano Ramos, um dos autores prediletos do português.

Também compareceu ao evento o estudante de Jornalismo e futuro escritor Pedro Carrano, convidado de última hora do amigo e mentor Paulo Venturelli, professor da UFPR e autor já estabelecido, com quem iria se encontrar no auditório.

Às 18h30, quando o evento começou, o Centro de Convenções estava lotado de leitores, estudantes de Letras, jornalistas e escritores. O ator Luís Melo, por coincidência ex-aluno de teatro de Venturelli, também estava lá. Não apenas para assistir à palestra, mas como responsável por abrir o evento lendo um trecho de *A Caverna*. Após essa introdução, Saramago deu início à “minipalestra” — como tinham prometido os jornais —, que acabou durando cerca de uma hora.

O escritor passou a maior parte de sua fala sério. Como ele mesmo repetia com frequência, o mundo não lhe dava muitos motivos para sorrir. “Ele não ia ficar se abrindo, como uma vitória régia, em um momento solene como aquele”, comenta Venturelli. Ainda assim, o palestrante manteve um tom de conversa entre camaradas, fazendo algumas brincadeiras vez ou outra, intercaladas entre críticas fortes e diretas sobre a injustiça que via no mundo desde criança.

O público curitibano, em geral, estava eufórico, rindo de vez em quando de comentários divertidos que o autor fazia. Por outro lado, quando o orador expressava opiniões políticas mais radicais, de esquerda, par-

te da plateia se inquietava, desconfortável, o que certamente não desencorajou Saramago, que manteve a fala crítica do início ao fim.

O português começou a intervenção dizendo que seu maior desencantamento era ter nascido em um mundo injusto — e que certamente morreria em um mundo injusto. Seguiu falando sobre a razão cega da humanidade, além de criticar o sistema capitalista, o próprio conceito de ser humano e os problemas ambientais. “Sou uma pessoa pessimista e cética em relação a esta coisa que nós chamamos espécie humana, em relação ao que estamos a fazer do mundo e de nós próprios”, diz uma anotação feita por Paulo Venturelli em sua agenda durante a palestra.

Para Carrano e Venturelli, é justamente uma frase nesse tom que ainda ecoa em suas memórias: “Quanto mais velho, mais livre, e quanto mais livre, mais radical” — assim o escritor descreveu o momento em que vivia. Saramago encerrou sua fala com um convite: “Se vocês, jovens, quiserem mudar a ordem injusta das coisas e saírem às ruas, podem me chamar”.

Finalizado o discurso, formou-se uma grande fila para que o público pedisse autógrafos. Porém, apenas aqueles que já haviam retirado uma senha conseguiram a assinatura, o que não foi o caso dos amigos Paulo Venturelli e Pedro Carrano, que saíram então para tomar uma cerveja.

Júlio Marcondes, o bibliófilo que levou a edição especial para Saramago, também não tinha senha. Chateado, procurou Luiz Schwarcz e lhe explicou sua situação. Pediu ao editor que entregasse o presente ao escritor português. Schwarcz concordou e Júlio se dirigiu para a saída, conformado em ficar sem o livro autografado.

Saindo do prédio, encontrou com a mãe de uma aluna, que, por ter conseguido dois exemplares autografados, deu um a ele, que deixou o Centro de Convenções contente, com ambos os objetivos da noite cumpridos. Saramago, após conceder mais de 200 autógrafos, se retirou às 21h30 e continuou a turnê agitada pelos próximos dias.

Algumas semanas depois do evento na capital paranaense, Marcondes recebeu uma carta (leia a íntegra na página ao lado) com o carimbo de Lanzarote, ilha em que Saramago residia com sua mulher. Era uma mensagem do escritor, imensamente agradecido ao morador de Curitiba que lhe presenteou com o exemplar precioso de Graciliano Ramos.

O autor atribuiu o tempo que levou para agradecer aos diversos compromissos cumpridos durante uma viagem repleta de congressos e entrevistas. A missiva terminava com um pedido: que Júlio Marcondes aceitasse receber o livro de volta. O escritor não se conformava em ser presenteado com tamanha joia literária, e considerava o professor seu verdadeiro dono, “por motivos de inteligência e do coração”.

O bibliófilo respondeu dizendo que gostaria que Saramago ficasse com o presente. Recebeu, então, uma segunda carta em que o português afirmava estar para sempre em dívida com ele, e esperava que pudessem se encontrar quando retornasse ao Brasil para a estreia da adaptação teatral de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* em São Paulo, no mês de novembro do mesmo ano. “Espero que possas dispor do teu tempo para ir gastá-lo a ouvir palavras que já conheces”, disse.

O professor de Curitiba e o escritor português nunca conseguiram se encontrar. Marcondes morreu em 2009, seguido por Saramago, em 2010. Restou, nas palavras do autor, “a recordação de um dos momentos mais belos” de sua vida. <

Lanzarote, 5 de Janeiro de 2001

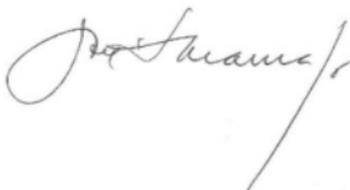
Júlio Paulo  
Rua da Paz, 470, apt. 112  
CURITIBA  
BRASIL

Caro Júlio,

Uma viagem que não terminava em Curitiba, o cansaço de um mês e meio de aviões, aeroportos, hotéis, conferências, entrevistas, recepções e assinaturas, explicam que só agora venha agradecer o teu comovedor gesto. Digo agradecer e não é nada provável que o consiga, apenas porque não creio que existam expressões capazes de tanto. Renunciar ao melhor que se tem (são palavras tuas) em benefício de alguém de quem não se quis esperar ao menos um simples obrigado, é sinal de uma rara grandeza de espírito. De nós dois, o maior devedor sou eu. Espero vir a conhecer-te e dar-te um abraço. Em silêncio.

Agora venho pedir-te um favor: que me permitas restituir-te o livro. Andou comigo durante todo o resto da viagem, está sobre a minha mesa de trabalho há duas semanas, acho que é tempo de ir reocupar o seu lugar na estante do seu verdadeiro dono, que és tu, por razões da inteligência e do coração. Eu ficarei com a recordação de um dos momentos mais belos da minha vida.

Com a maior estima, um abraço,



José Seramago  
Los Topes, 3  
35572 Las Tias de Fajardo  
LANZAROTE - ILHAS CANÁRIAS  
ESPAÑA  
Fax (34-928) 833 999

# Território entre pai e filha

Violante Saramago fala sobre sua militância, a relação com a família e a passagem recente pelo Brasil

Violante dos Reis Saramago Matos se refere a si mesma como “uma esquina entre uma secretária e um operário”. A mãe, Ilda Reis, consagrou-se como uma grande gravadora e artista plástica de Portugal, enquanto o pai, José Saramago, ganhou o primeiro e único Nobel de Literatura de seu idioma. Violante também escreve e pinta, além de ser ativista política. Mas seguiu sua vocação para a Biologia, área que o pai a ajudou a escolher, por ser apaixonada pelo entendimento de fenômenos naturais da vida, a terra e o meio ambiente.

Em entrevista concedida ao *Cândido*, ela fala, entre outros temas, sobre sua relação com os pais, a prisão durante a ditadura em Portugal e os eventos que a trouxeram para o Brasil durante as comemorações do centenário de Saramago, em novembro de 2022. Também comenta sua passagem pela Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, onde falou para uma plateia de cerca de 100 pessoas e participou do lançamento do livro *Saramagos: 100 Anos de José* (Solar do Rosário) — organizado pelos pesquisadores Liana Leão e Érico Vital Brasil. Os registros desse encontro ilustram o conteúdo a seguir.

**Você não utilizou o sobrenome Saramago por muito tempo. Por que decidiu voltar a usá-lo?**

É muito simples, ou pelo menos para mim foi muito simples. Precisava ter uma certa autonomia em relação ao meu pai e à minha mãe, porque o peso do nome deles, o peso da importância deles enquanto duas personalidades muito ligadas à cultura, deixava sempre alguma dúvida sobre aquilo que eu podia ou não podia ser. Em Portugal, nós normalmente usamos o nome e depois o sobrenome do pai. Portanto, fiquei Violante Saramago — sem o Reis, que era da minha mãe. Até que casei e também adotei o sobrenome do marido. Então fiquei Violante Saramago Matos. Mas, de fato, a marca “Saramago” não é um nome comum. Se fosse Reis, eu não teria feito isso, porque Reis há milhares. Mas Saramago não há. Portanto, a identificação era muito rápida, eu continuava a ser a filha de alguém. Evidentemente, em casa este problema não se colocava. Mas a verdade é que, no geral, as pessoas identificavam muito rapidamente de quem era o Saramago. Então, quando viemos morar na Madeira [região autónoma de Portugal próxima à costa noroeste da África], senti a necessidade e pensei: “Agora vou abandonar o Saramago e ficar Violante Matos”. Durante tempo suficiente, pude construir a minha vida. Pude fazer e dizer aquilo que achava certo, às vezes errando, outras vezes não. Mas a verdade é que fui eu. E é claro que a partir de certa altura isso deixou de ser preciso. Porque a minha vida estava estruturada, digamos assim. Meu caminho estava mais ou menos delineado. E, portanto, voltou o Saramago de uma forma perfeitamente natural. Foi surpresa para muita gente, claro que sim. “Ah, mas Saramago? O que você tem a ver com o Saramago?” “É meu pai.” [risos] Mas a questão foi só essa, é um problema que resolvi assim. Não quero dizer que seja a única maneira de resolver um problema deste tipo. Provavelmente há pessoas que lidam bastante bem com isso, sem precisar desse artifício.

## **O que levou você a optar por cursar Biologia e o que seus pais pensaram sobre isso?**

Não foi uma escolha muito fácil. É uma escolha que decorre do meu gosto pelo entendimento do fenômeno da vida. Meu pai me ajudou bastante a fazer essa escolha, porque eu queria Engenharia Química. Mas, efetivamente, não era carreira para mim, jamais seria engenheira química. E um dia meu pai me convidou para almoçar. Fiquei um bocadinho preocupada porque pensei que tivesse feito algo atrevido, para ele me convidar para comer fora de casa. Sei que combinamos de almoçar e foi nessa conversa toda que acabei por concluir que realmente não era o caminho da Engenharia Química aquilo que poderia escolher. Mas, sim, o caminho da Biologia. No final da conversa, perguntei a ele como tinha percebido isso. “É muito simples”, ele disse. Ele reparava como eu observava e lia os artigos, revistas e livros que tinham a ver com a vida. Portanto, era óbvio que o que eu gostava era a área da Biologia. De fato, a Biologia decorre do gosto pela vida, pela compreensão dos fenômenos naturais e também pela relação das inúmeras espécies entre elas, com o meio ambiente e com a terra.

## **Qual foi a sua motivação em participar do livro *Saramagos*, lançado no ano passado, no Brasil, e que traz fotos, cartas e textos de amigos e admiradores do seu pai?**

Nós estamos há 100 anos do nascimento do meu pai. Estamos praticamente há 25 anos do ano em que ele recebeu o Prêmio Nobel. Estamos a falar de um país que não é o dele, embora fale a língua dele. Nós estamos também a falar de um país com o qual tenho uma grande relação. E é evidente que, de repente, me aparece a hipótese de um projeto de 100 anos. E de um projeto de percurso, de um percurso muito imprevisível. Porque não é nada previsível que uma criança que nasceu nas condições e no meio econômico e social em que ele nasceu tivesse qualquer esperança de sonhar. Mas a verdade é que foi todo um percurso feito e

traçado à custa dele. E esta hipótese de poder contribuir um pouco para esta marca é importante — mais do que homenagear, importa a marca que ele deixou. E isso, ainda por cima, também se somou a outros fatores que têm a ver com o fato de não ser uma iniciativa exclusivamente do meio acadêmico, o que para mim também tem muito significado. Porque estou absolutamente convencida de que a escrita do meu pai continuará a ser debatida em fóruns acadêmicos, em cátedras, em clubes de leitura, enfim, entidades profundamente ligadas à literatura. Estou mesmo convencida disso. Ainda há para mim uma coisa diferente, que é o fato de milhões de leitores, sem qualquer vínculo profissional com a literatura, gostarem de ler e lerem. Gostarem de celebrar. Gostarem de discutir sobre os problemas que ele coloca nos livros e discutirem. E isso é de uma importância enorme que ultrapassa o campo meramente literário. Qual é a porcentagem de leitores que não estão ligados à literatura? Que nunca frequentaram uma faculdade de Letras, de Filosofia ou de Direito? Qual é a porcentagem? É grande. Então surgiu a possibilidade de ajudar a contar essa história.

### **Qual foi a principal marca que ele deixou na sua vida?**

É muito difícil escolher uma única. É difícil por uma razão muito simples: a minha vivência com os meus pais foi muito partilhada. Portanto, se o pai dizia não, a mãe até podia achar que sim, mas dizia não também — o contrário também era verdade. Ou seja, não há, assim, uma coisa que eu tenha buscado no meu pai ou na minha mãe. Não. Tudo se confunde. Mas se tivesse mesmo que eleger uma coisa, diria que é o fato de ele ter me ensinado a pensar. Mais que isso: ensinou que é preciso pensar. Principalmente no sentido de não aceitar tudo conforme se é apresentado.

**No ano passado, em comemoração ao centenário de Saramago, foram plantadas algumas oliveiras aqui no Brasil, como forma de lembrar o seu pai. O que significam essas oliveiras? Por que elas foram plantadas aqui no Brasil?**

Essas oliveiras são, no fundo, a continuação de um projeto que foi concretizado em Azinhaga [local em Portugal onde Saramago nasceu e cresceu]. No dia 16 de novembro, plantou-se a centésima oliveira — foram plantadas 100 oliveiras na rua que leva à Fundação Saramago, rua que também levava à casa de minha bisavó. E em conversa com o Érico e com a Liana surgiu a hipótese de levar, simbolicamente, esse projeto, de modo que coincidissem com a minha ida ao Brasil. Plantamos no Instituto Butantan, em São Paulo, por conta da minha ligação com a Biologia. Depois no Graciosa Country Club, em Curitiba. Portanto, no fundo, estamos a falar de uma continuação de uma iniciativa. Recordo perfeitamente da Azinhaga cheia de oliveiras: um verde acinzentado muito particular, com uma sombra e cheiro característicos. Cresci em uma terra onde haviam milhares dessas. E de repente tudo foi desmatado por razões puramente econômicas. Quando se nasce em meio às oliveiras, se estabelece com elas uma relação de grande afeto. Porque os troncos das oliveiras centenárias são extraordinários, são como uma escultura que expressa esforço e resistência. Quando olho para o tronco parece que estou a ver tudo o que se passa lá dentro em termos de transporte de água. Meu pai tinha ainda mais ligação com as oliveiras, foi um desgosto enorme quando esse abate foi feito. Então, exatamente por isso celebrou-se, em boa hora, essa simbólica homenagem que no fundo tem a ver com a terra e, por fim, acaba por ficar em continuado além-mar em São Paulo e Curitiba.



**Falando em Curitiba, o que marcou você durante a passagem pela cidade, no final do ano passado?**

Foram cinco dias de uma vivência única, tanto em São Paulo quanto em Curitiba. Foi uma coisa muito... Não vou dizer que foi muito bonito porque esteve além, teve a ver com sentimento. Foi muito afetivo, envolvente e, naturalmente, muito marcante. Não tenho dúvida de que aquilo que esteve em jogo, aquilo que esteve em cima da mesa, não era eu, era o meu pai. Isso para mim é claro. Quem foi muito bem recebido em Curitiba, através de minha figura, foi o meu pai. Isso é muito importante, pois reflete o sentimento que as pessoas têm com ele mesmo depois de sua morte.

**No livro *Saramagos* há a reprodução de uma carta de seu pai escrita durante o tempo em que você esteve na prisão. No entanto, você não recebeu essa carta na época e apenas soube de sua existência recentemente. Como descobriu e teve acesso ao material?**

Não me estranha que não tenha recebido essa carta naquela época, pois normalmente as correspondências para dentro da cadeia eram bastante restritas. Desse modo, não recebi. Curiosamente, nunca falamos sobre isso. Meu pai nunca me perguntou nada. Ele deve ter pensado que, como não toquei no assunto, obviamente não tinha recebido a carta. E, provavelmente, ele preferiu não falar sobre. Isso, claro, são especulações, pois não falei com ele. No ano passado, a Torre do Tombo [um dos grandes serviços de arquivamento de documentos de Lisboa, onde se salvaguarda, entre outras informações, a documentação das prisões políticas] estava à procura de materiais para fazer a exposição para o meu pai e encontram uma referência no meu processo a uma carta que ele teria escrito à filha. E é assim que sei desta carta. Tomei conhecimento dela no meio do ano passado. É uma coisa que a gente tem que engolir em seco porque... [silêncio] Porque tomar conhecimento de um documento daqueles 50

anos depois... [suspiro] Custa. [Quando li a carta] eu fiquei a chorar. É claro que sim. Essas coisas acabam por se cruzar e a gente lembra e se recorda. É natural.

**Durante o tempo em que você passou na prisão, seu pai se ofereceu para pagar a fiança, mas você recusou. Por quê?**

Quando fui presa, meus pais foram me ver — há três anos eles estavam separados. Me perguntaram se eu queria que eles pagassem a minha liberação e eu disse que não. Tomei essa decisão pois não tinha agredido ninguém, não tinha roubado nada, não me envolvi em um acidente de carro e depois fugido. Aquilo era uma prisão política. E, na luta política, o tratamento com os parentes tem que ser um pouco diferente. Um preso político não é exatamente um preso comum — os valores de um giram em torno de um ideal coletivo, enquanto o outro é individual. Isso significa que, se fui presa no dia 1º de maio, lutando contra a ditadura, não fazia sentido que pagassem minha fiança e eu seguisse normalmente com a minha vida. Não iria deixar isso acontecer. Havia colegas presos que, por não terem pai ou mãe como eu, continuariam presos. Para mim, isso não fazia sentido. E não estou falando aqui de heroísmo ou algo do tipo. Tem a ver com a consciência, com aquilo que a gente idealiza e sente, tem a ver com sonhos. Certamente que compreendo que para eles era difícil me ver ali, mas eu não podia fazer outra coisa. E acho eles compreenderam bem, pois nunca mais tocaram no assunto.

**Você disse em uma entrevista que busca ensinamentos nas obras do seu pai. Nesse sentido, qual é o seu livro preferido do Saramago e quais ensinamentos ele transmite?**

Gosto muito de *Levantado do Chão*, *A Caverna* e *Ensaio Sobre a Cegueira*. O primeiro me diz muito, pois é contemporâneo meu. Eu já vivia e já pensava enquanto acontecia aquela vida no Alentejo, costume dizer que é

verdadeiramente o único livro que tem gente real dentro, gente com quem ele conversou de verdade (enquanto que nas outras obras isso não acontece). Além disso é um livro que fala sobre a relação social do homem com a terra. Já o *Ensaio Sobre a Cegueira* gosto pelas razões óbvias, diz sobre esse problema do olhar e não querer ver, e isso tem acontecido cada vez mais. E cada vez mais rapidamente queremos passar pelas coisas sem que elas nos afetem, queremos passar por cima da brasa sem que nos queime, e quando isso acontece o resultado não é bom. Talvez por isso tenha sido um dos livros mais vendidos durante a pandemia.

**Você já disse que se reconhece na personagem Marta, do livro *A Caverna*, porque a relação dela com o pai era parecida com a sua com Saramago. Que semelhanças são essas?**

São semelhanças que não sei muito bem descrever. Nem sempre as palavras chegam para descrever perfeitamente uma relação. Por alguma razão, o marido de Marta percebe que naquele território entre pai e filha não entrava ninguém. Era um pouco isso. No território com meu pai não entrava ninguém, exceto a minha mãe. Era uma relação que seria bom que todos os pais tivessem com seus filhos. Isso para além do resto. Gosto de *A Caverna* não só por conta disso, gosto porque ali tem alguns problemas das relações sociais derivadas das relações de produção, além de uma grande chamada de atenção sobre a hipocrisia do ser humano. <



Only  
lovers  
left alive  
e outros poemas

Ana Botner

## Algo sobre a sincronia

*Para Cris*

e olhamos pela janela, a cachorra lambendo minhas  
[pernas

enquanto

eu te via de colete vermelho, descalça

a chuva escorrendo pela varanda

e você me dizia algo sobre a sincronia

e o romantismo, e como não escapamos dele

já eu respondia com a dialética e as escolhas dos

[ministérios, os desastres e má estrela

mas você disse que devemos ser otimistas

já eu disse: talvez não

conversamos sobre amigos antigos

como eles estão espalhados agora

fracos, mudos

levados à loucura

com uma fome que corre nas veias

nas mãos

lembramos da fome, mas não sentimos falta

este oco

e disse: ninguém aqui vai vagar para baixo

talvez para os lados

você sempre brilha quando falamos do amor

como tentou se proteger e não deu

mas ninguém aqui vai vagar para baixo

eu falo como encontrei minha casa

e você se prepara para uma viagem

e a chuva escorre, a cachorra late

mas o brilho no seus olhos é bonito

gigante

## Only lovers left alive

eu vi você tentar  
desfazer tão delicadamente uma velha ferida

e ouvi os gritos, semelhantes a uma oração,  
e senti no musgo  
até que cresceu estranho

eu, que desci a montanha e subi de novo esperando  
o uivo geral  
até que uma febre sacudiu a garganta

eu vi você tentar  
desfazer tão delicadamente

no entanto, o mar está nas canelas  
após tantos cigarros  
e não se chora mais dentro da casa

mas eu e você  
eu e você choramos tão bonito

no entanto, o céu está azul bebê  
e você está deitado agora  
eu, deitada do outro lado  
mexendo nas suas bolas, sentindo a sua pele

## Boom

é noite lá fora  
eu descanso  
eu seguro um oceano na palma da mão  
eu queimo minha palma com cinzas  
eu queimo minha palma com a mais elegante cinza  
agora estou cruzando o atlântico  
com a criatura lá fora  
e eu me lembro de nina simone  
quando ela correu para aquele rio fervendo  
e pediu uma chance à Deus  
mas eu não ligo muito para a água  
e suas consequências  
e eu penso  
eu nunca sou tão metafísica  
e eu penso  
eu sinto sua falta agora  
eu acho que  
eu quero esquecer a palavra escuridão  
e todas as suas crianças, embora eu saiba  
como são lindas  
eu fico pensando sobre aquela coisinha  
em que você explode em pedacinhos  
e cai na palma da mão dele  
e fica olhando ele fumar  
e eu acho que posso lidar com isso  
existem tantos estudos sobre o amor  
e alguns sobre a delícia  
eu agora vejo gatos pretos e acidentes bárbaros  
vejo seu santuário com poetas mortos e uma única  
[foto de família  
vejo fortes marés de fascismo  
e inexplicáveis ventos de tristeza

perda  
e as punições da lei  
vejo cores que odeio  
e muitas pessoas murmurando  
eu vejo a sociedade caindo  
um silêncio profundo e uma escada  
as escadas não significam nada  
e a fatalidade é uma marcha vitoriosa de moribundos  
mas isso não é o amor  
eu vejo o culto do eu devorando suas almas com  
[dinheiro sujo  
eu vejo a ambição e o espectro sem fim  
que nos foi prometido no século dezenove  
eu vejo você e me lembro de como você me prometeu  
em um poema  
de que este seria o meu século  
e eu sei  
agora  
que posso lidar  
com a explosão



**Ana Botner** (Rio de Janeiro, 1999) é graduanda em Ciência Política na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Seu primeiro livro de poemas, *Andar Barato*, foi publicado pela editora Urutau, em 2021.

# Previdência

Richard Roch

Eurico fez o pix e saiu. Depois de guardar o recibo no bolso ele decidiu que não voltava. Só ia subir pegar as coisas e comunicar que não tava bem. Tinha sido elogiado na avaliação trimestral. A proprietária dando bom dia e bom descanso. Não tinha como dar errado e naquele dia não deu. *Tenho enxaquecas HO-RRÍ-VEIS Eurico. Não precisa nem trazer atestado. Descansa mas não esquece. Amanhã oito horas relatório no meu e-mail. Bye bye querido. Pode fechar quando sair.*

Tenho uma tarde. Desenlatou do elevador pensando nisso e ganhou a rua. O ônibus parava do outro lado da praça mas resolveu voltar andando. Tantos ombros e pernas. Tanta gente mexendo no celular fumando cigarro dizendo que não tinha tempo. Que tava sem grana. Tanta gente de cara cansada. Com o que economizou da passagem Eurico parou num caldo de cana. Sentou na banqueta e esperou diminuir a dor.

Se ossos e vigas têm alguma coisa em comum não sei mas o fêmur de Eurico nunca mais foi o mesmo depois de remendado com quatro pinos. Ele lembrava quando via alguém de muleta. Em porta giratória. Quando andava muito. Quando o tempo virava. Se o tempo virava os pinos pareciam recém-colocados no meio da coxa. Tinha alguma coisa a ver com mudanças rápidas de temperatura. Com a densidade do material.

Chegou em casa passou a tarde se medicando. Puxou seda. Fez piteira. Acochou lambeu fechou. Em varandinha de apartamento antigo cabe xícara e cinzeiro no beiral. Lá embaixo pessoas entravam e saíam da lanchonete. Algumas ficavam na porta com as mãos estendidas. O homem-aranha vendeu um pacotinho de bala a cada seis sinais e esfriou quando veio a noite. Eurico fechou as janelas. Desligou a tevê e ficou no sofá alisando a cicatriz. Depois foi dormir. Sonhou com o mar.

Saiu até em jornal sensacionalista da época. *Criança pé quente é atingida por raio e só trinca um osso.* A chance de ser atingido é de uma em um milhão. Durante a chuva e em locais abertos aumenta pra uma em mil. Como a mãe e o pai do Eurico recusaram convites de programas de auditório a história caiu no esquecimento. Ele lembrava que subiu na árvore pra se esconder da chuva. Lembrava de ter pensado que era o mais seguro a se fazer.

Eurico ficou olhando pro teto do quarto antes de desligar o despertador. Pensando se corria atrás de atestado mas ter moral na firma não faz ninguém insubstituível. Bora bora bora. Abriu o relatório do mês passado mudou a data porque na real nada mudou. Podia ser o do ano retrasado. Podia ser tanta coisa. Mandou o e-mail e saiu de casa sem tomar café. No caminho até o ponto não olhou pra cima. Quando vagou lugar sentou. Lá pelas tantas foi como se uma pedra caísse no teto do ônibus. Depois outra. Depois todas as janelas foram fechadas. De granizo foram vinte minutos. Foi só o começo.

Árvores caíram bairros ficaram sem luz em muitas ruas a água cobria o pneu dos carros. O vento cada vez mais forte. Pessoas perdendo tudo em enchentes. Quando o ônibus parou na praça Eurico já tinha se atrasado três horas. Decidiu que era mais seguro se abrigar no trabalho. Primeiro um cone passou voando. Depois um orelhão. Aí o Eurico.

O motorista disse pra repórter que o rapaz insistiu pra ele abrir a porta. *Eu não queria abrir. Quando ele subiu eu já tinha visto que ele tava com a perna machucada. Mas ele insistiu. Foi mancando no meio do fim do mundo e eu até fiquei feliz quando vi ele entrando no Previdência. Depois achei que eu tava desmaiando. Mas não. Era o prédio. Nossa sorte foi que caiu pro outro lado. Sorte... A gente trabalha a vida inteira. Termina assim.*

A perícia realizada nos escombros do Previdência concluiu que areia de praia foi usada na construção. Familiares das vítimas entraram na justiça. A construtora declarou falência. <

➤ **Richard Roch** é barista e escritor, nascido e criado no bairro do Fazendinha, em Curitiba. Publicou *Maratonistas do Quênia* (2021), *Preto de Alma Preta* (2020) e participou da antologia de contos *De Próprio Punho* (2022). Foi cronista no jornal *Plural* e integra o coletivo literário Membrana.



Marcus Paulo de Freitas

# Balancê

Larissa Maira

**Larissa Maira** nasceu em Curitiba e atua no circuito da fotografia desde 2010. É formada em Processos Fotográficos (IFPR) e História, Memória e Imagem (UFPR). Seu olhar é direcionado para movimentos sociais, culturais e políticos. A série publicada pelo **Cândido** traz registros do pré-carnaval da capital paranaense de 2023. ◀











# Morte de Erich Neumann e outros poemas

Hannah Arendt

por Daniel Arelli

## **Morte de Erich Neumann**

O que restou de ti?  
Uma mão, apenas  
teus dedos apenas, tremendo tensos  
ao pegar uma coisa, ao apertar outra mão.

Pois esse aperto resta, como rastro  
em minha mão, que não esquece, que  
ainda sentia quem eras, quando há muito  
tua boca e teus olhos cediam.

\*

## ***Erich Neumanns Tod***

*Was von Dir blieb?  
Nicht mehr als eine Hand,  
nicht mehr als Deiner Finger bebende Gespantheit,  
wenn sie ergriffen und zum Gruss sich schlossen.*

*Denn dieser Griff verblieb als Spur  
in meiner Hand, die nicht vergass, die  
wie Du warst noch spürte, als Dir längst  
Dein Mund und Deine Augen sich versagten.*

## A doutrina das cores de Goethe

O dia é amarelo.  
A noite, azul.  
Verde é o mundo.  
Luz à treva se entrelaça  
no claro, também no escuro.  
Já a cor tudo atravessa  
distingue as coisas do mundo.

E enfim o sol e a chuva  
livres da plúmbea querela  
unem o seco e o molhado  
em casamento-aquarela  
brilha o claro, brilha o escuro –  
um arco raia no céu  
nosso olhar, nosso mundo.

\*

## **Goethes Farbenlehre**

*Gelb ist der Tag.  
Blau ist die Nacht.  
Grün liegt die Welt.  
Licht und Finsternis vermählen  
sich im Dunklen wie im Hellen.  
Farbe lässt das All erscheinen,  
Farben scheiden Ding von Ding.*

*Wenn der Regen und die Sonne  
ihrer Wolkenzwiste müde  
noch das Trockne und das Nasse  
in die Farbenhochzeit einen,  
glänzet Dunkles so wie Helles –  
Bogenförmig strahlt vom Himmel  
Unser Auge, unsere Welt.*

## [Sem título]

Isto foi o adeus.  
Alguns amigos vieram.  
E quem não veio, não era mais amigo.

Isto foi a noite.  
Hesitante baixou o passo  
lançou janela afora nossas almas.

Isto foi o trem.  
Ele mediu no voo a terra  
e emperrou no estreito de certas vilas.

Isto é a chegada.  
Pão tem outro nome agora  
e o vinho em língua estranha altera a fala.

\*

## [Ohne Titel]

*Dies war der Abschied.  
Manche Freunde kamen mit  
und wer nicht mitkam war ein Freund nicht mehr.*

*Dies war der Abend.  
Zögernd senkte er den Schritt  
und zog zum Fenster unsre Seelen raus.*

*Dies war der Zug.  
Vermass das Land im Fluge  
und stockte durch die Enge mancher Stadt.*

*Dies ist die Ankunft.  
Brot heisst Brot nicht mehr  
und Wein in fremder Sprache ändert das Gespräch.*



- A alemã **Hannah Arendt** (1906-1975) foi uma das mais importantes filósofas políticas do século XX, conhecida por obras como *Origens do Totalitarismo* (1951) e *A Condição Humana* (1958). Originalmente não destinados à publicação, seus poemas foram lançados pela primeira vez na Alemanha, em 2015. O material publicado pelo **Cândido** integra a edição bilíngue do livro *Também Eu Danço*, com 71 poemas, a ser lançado em setembro pela Relicário Edições.
- **Daniel Arelli** nasceu em Belo Horizonte, em 1986. É doutor em Filosofia pela Universidade de Munique e professor da Universidade do Estado de Minas Gerais. Publicou os livros de poemas *Lição da Matéria* (vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2018, organizado pela Biblioteca Pública do Paraná), *Pavilhão* (Macondo, 2020) e *O Pai do Artista* (Círculo de Poemas, 2022), além de outros títulos e artigos sobre estética e filosofia moderna e contemporânea. Traduziu textos de Alain Badiou, Martin Heidegger, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno e Hans Magnus Enzensberger, entre outros. É um dos editores da revista de poesia e crítica cultural *Ouriço*.

# Textura: cortes, suturas e raspagens

Renan Hayashi

Em *Exórdios*, o escritor e filósofo Henrique Komatsu aponta o que está na base de toda a discussão sobre literatura, pastiche, subjetividade e escrita: a dimensão incontornável da alteridade

*Pra canonizar pessoas  
é preciso milagres  
Pra canonizar poetas,  
apenas poemas.*

Hélio Leites

“Tudo é pastiche”, assevera o personagem Andris — interpretado pelo ator Julian Glover — ante a queixa de Lydia Tár (Cate Blanchett) sobre suas mais recentes criações. Tár — em filme homônimo lançado no Brasil em 2023 —, regente e compositora, à frente da Filarmônica de Berlim, parece não estar satisfeita com seu processo criativo. A preocupação reside em sua percepção de que o que está criando não é nada além de um pastiche, ao que Andris propõe sua leitura generalizante. Ora, o que se coloca nessa cena é uma discussão que extrapola a seara musical e avança sobre todos os campos criativos em que a mente humana se manifesta. Da pintura à dança, da música às artes dramáticas, da arquitetura à literatura, tudo parece, em menor ou maior grau, uma constante iteração. Tanto que a própria discussão teórica do tema também já não é, de todo, inédita. De Walter Benjamin a Georges Didi-Huberman, as questões de inovação e de reprodução da arte sempre estiveram na superfície do processo de criação e recepção. O que a breve cena de *Tár* provoca é uma reflexão muito mais profunda a respeito do tema. Com efeito, fica-nos a dúvida: é possível criar algo realmente novo?

## Pastiche e palimpsesto

O receio dos artistas em cair nas ciladas do pastiche tem fundamento. Não só pela — por vezes, fundamentada — acusação de plágio, mas, sobretudo, pela demanda incessante da criação do novo, do inédito, do jamais-visto, o qual resvala no processo criativo. Como se o que fosse criado hoje tivesse de nascer absolutamente higienizado e livre de influências anteriores para ser digno de admiração e reverência. Mais ainda, para ser considerado algo de valor. Do contrário, seria puro passadismo, acusariam alguns ao notarem os fios de inspiração. O fato é que não existe ninguém à frente de seu tempo. Mesmo aqueles considerados gênios e pontos fora da curva, estes só se constituem como tal a partir de elementos já dados pelo seu recorte histórico-social, localizados espacial e temporalmente. Agora, o que eles fazem com esses elementos dados já é outro assunto. Nesse sentido, pensemos, por exemplo, nesses ideais de belas artes considerados crivos de genialidade e inspiração. Pintores como o italiano Ticiano, expoente do Renascimento. Mesmo Ticiano, como mostra Daniel Arasse, em uma belíssima análise do quadro "Vênus de Urbino", apresentada na obra *On N'y Voit Rien: Descriptions (Nada Se Vê: Descrições)*, mesmo ele, sinônimo de prodigiosidade, lançava mão de formas recorrentes e de construções advindas de um repertório prévio: "Quanto à modelo, ela já tinha sido pintada por Ticiano e o quadro seria copiado para outros clientes".

Pensando no âmbito da escrita, essa busca por expressões literárias inovadoras e narrativas absolutamente inéditas cai, uma vez mais, na discussão do que se considera inspiração, repetição, cópia ou pastiche. Há teóricos do texto que apontam que não existe produção inédita. Cada texto é, pois, um elemento em uma cadeia de enunciados que ecoa os anteriores e antecipa os ulteriores. Por outro lado, há quem defenda possibilidades de inflexão que, em um dado momento, algo, verdadeiramente único, desponte no

horizonte. Seriam estes últimos amantes de escritores europeus com traços de psicose não diagnosticada? Mais que isso, seria isso, de fato, possível? Fica essa pergunta para mim e para você, que nos lê.

Em realidade, para analisarmos a materialidade do texto, sempre o faremos a partir de um já-dado, de um já-conhecido. Pensemos, a título de exemplo, na escrita historiográfica. Para tanto, lanço mão da historiadora franco-quebequense Régine Robin. Segundo ela, a escrita da História — essa dos homens, mulheres e das coisas do mundo — tem estrutura de ficção e, para escrevê-la, Robin recorre “à colagem, à montagem, à composição, a tudo o que pode dar indícios de tempos esquivos que vivemos, a tudo que permite estremecer as temporalidades”. À vista disso, ela parte dessas evidências para escrever aquilo que vem a ser uma *versão* da História; dito de outro modo, uma composição que justapõe fragmentos que são costurados e concatenados, a fim de explicar a insanidade do espírito humano e as escolhas autodestrutivas das nações. Dessa forma, é sempre a partir de um já-vivido que a ficção da escrita historiográfica ganha corpo.

Da mesma maneira, o corpo da ficção literária se nutre daquilo que ergueu a literatura como campo das manifestações subjetivas humanas. De tal forma, é preciso repensar a noção de pastiche — cuja etimologia vem do latim vulgar, *pasticium*, dando origem à *pasticcio*, no italiano, e *pastiche*, no francês — na literatura, com vistas a reconhecer não somente os textos fundadores da cultura, mas também prestar tributo às asas de Ícaro que ensinaram mentes inquietas a voar. Por isso, no campo da literatura, estou muito mais inclinado a pensar na escrit(ur)a — aqui no sentido derridiano do termo — como um palimpsesto, seguindo os passos de Gérard Genette, ou ainda, como bem pontua Freud sobre a memória, um bloco mágico (*Wunderblock*).

Em outras palavras, a literatura seria como um grande anteparo, no qual se riscam, rabiscam, escrevem, reescrevem, raspam, sobrepõem, tentam apagar — sem, contudo, se apagar por completo — e escrevem novamente aquilo que não cessa de se inscrever

na subjetividade humana. Digo mais, é precisamente por não encontrar uma forma definitiva de escrita, de sobreposição, de reescrita, que o anteparo continua reiteradamente sendo usado para receber mais e mais formas de representação subjetiva. Não se esgota. Simplesmente não é possível esgotar. Esse ponto de reflexão me faz recordar versos da escritora argentina Alejandra Pizarnik: *ela se desnuda no paraíso / de sua memória / ela desconhece o feroz destino / de suas visões / ela tem medo de não saber nomear / o que não existe*. O inexistente convoca a necessidade de uso da linguagem para expressar, precisamente, o que não consegue ser representado. Seria esse o intento maior da literatura?

### **Recuo da / na História**

Consideremos, então, textos que apresentam, de fato, elementos de ineditismo. Pensemos em algo absolutamente jamais visto. Consigo prever que este texto decerto não encontraria leitores aptos a reconhecerem de imediato sua magnitude. Não porque não existam bons leitores ou hábeis críticos de literatura. Não é isso. Este texto não encontraria de pronto seu reconhecimento porque é preciso um certo recuo histórico para perceber o que é disruptivo. Aquilo que se mostra como um acontecimento — uma vez mais no sentido derridiano do termo — convoca de cada um de nós um tempo para recompor nosso repertório, esgotar as possibilidades de comparação e assimilação para, por fim, dar o braço a torcer e dizer “de fato, isso nunca foi feito antes”. Eu experimentei um pouco dessa sensação recentemente, ao ter recebido — por ato de extrema gentileza — um boneco da mais recente obra, ainda não lançada, do escritor paulista-tingui Henrique Komatsu. Com o título sugestivo de *Exórdios*, Henrique apresenta poemas escritos em uma miscelânea de línguas — mas também culturas —, nos quais as não-coincidências do dizer apontam para a construção dos efeitos de sentido. Efeitos estes potencializados pelas ilustrações.

No poema de título "VI", o leitor é convidado ao estranhamento da convergência de línguas que atritam entre si, produzindo sentidos pelas faíscas que causam. Perceba que isso não implica em dizer que o atrito é sinônimo de incompreensão ou falta de sentido. Ao contrário. É na sobreposição — ou justaposição, nas palavras da mencionada historiadora Régine Robin — de códigos que o poema "VI" adquire os contornos necessários para convocar o leitor a acessar o que é simbolizado por meio da costura multilíngue.

## VI

*A maçã do rosto nolostrò  
Kal a montanha ao norte  
monções deonte em farse  
rincossesto alto o sexo  
Efesto efesto varguia  
Masto noite ungo o dia  
Afasto ontem io hoje  
Permivo calem masia.*

Com efeito, nessa nova obra de Komatsu, o aspecto do palimpsesto nunca me pareceu tão evidente. Em meu gesto de interpretação, "VI" é o anteparo do palimpsesto com várias camadas verticais de um tanto de línguas sobrepostas. Onde se leem palavras do português do Brasil, a raspagem foi mais funda. Onde se leem palavras em italiano — presumo eu — utilizou-se um instrumento mais afiado não só para raspar, como também para escrever por cima. Onde as línguas se justapõem sincronicamente, a técnica de raspagem quis deixar a textura propositadamente irregular. E assim, na aspereza do relevo distinto, sentidos são (des)construídos e formas efetivamente inovadoras de conceber a escrita são propostas. Digo inovadoras, pois escrever em diferentes línguas não é, em absoluto, inédito. A história da poesia nos assevera isso. A poesia chicana, feita na fronteira Texas-México, produz criações de beleza ímpar e textos de espessuras in-

comparáveis. Estas se somam a obras em prosa, como a de Gloria Anzaldúa, *Borderlands / La Frontera*, tida por muitos como intraduzível, dada a quantidade de línguas presentes no livro, desde o inglês e o espanhol mexicano, até línguas indígenas como o náhuatl e o quéchua.

Toda essa reflexão fez lembrar a discussão de Derrida na obra *O Monolingüismo do Outro*, em que o autor propõe uma antinomia filosófica articulada em duas proposições contraditórias entre si: “Não falamos nunca senão uma única língua / não falamos nunca uma única língua”.

Em minha leitura, o que o Henrique faz, por meio de *Exórdios*, é apontar aquilo mesmo que está na base de toda a discussão sobre literatura, pastiche, subjetividade e escrita: a dimensão incontornável da alteridade. Pudera, Henrique, filósofo de formação e escritor, elege o anteparo literário para enunciar o transbordamento de sentidos que a alteridade — ou outridade — causa na subjetividade. Tema que também é caro à Filosofia. E não somente isso. Com *Exórdios*, a ilustração complementa aquilo que sem sossego busca sentido. Fora assim também em *Seis Desenhos para Doesburg*, outro título de autoria de Henrique. Além dessas obras, o escritor publicou *A Igreja de Pedra*, *A Menina que Viu Deus* e, mais recentemente, o belíssimo *Ototo*. Alguns desses títulos podem ser consultados na BPP.

Ao receber *Exórdios*, senti que precisava analisar os textos de Komatsu diacronicamente, ante a inquietação provocada. Percebi que a dobra na linguagem que o autor faz no livro é algo parecido com que ele fez na urdidura de obras anteriores. Em outras palavras, a busca por uma sintaxe da própria língua (literária). Como se cada livro fosse uma unidade morfológica que, ao se juntar a outra, pode compor um sintagma e propor um aspecto sintático na composição textual. E para analisar essa grande composição textual, uma vez mais, a proposição da leitura como um palimpsesto re-torna pulsante. Você, leitor, pode pensar como tendenciosa minha predileção por esta forma de análise.

Talvez. Mas aqui será necessário sugerir uma *mea-culpa* do próprio autor. Na dedicatória escrita nas primeiras páginas têm-se as seguintes palavras: “que nessas lâminas, você enxergue o corte”. Pensei na metáfora foucaultiana de leitura como corte, cisão no texto. Mas também compreendi, a partir da palavra “corte”, as fendas que se criaram no texto mediante as raspagens feitas. Se assim o for, posso dizer que, sim, enxerguei os cortes, assim como as fricções, reescrit(ur)as, rasuras e suturas do texto. E o que eu consegui ler? Bem, quando a obra for publicada, volto aqui para dizer até qual camada do texto eu raspei. <



**Renan Hayashi** é professor adjunto no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Linguística Aplicada (Unicamp) e Mestre em Linguística Aplicada (UnB), é pesquisador das áreas de Linguagem / Subjetividade / Psicanálise, Língua Japonesa e Linguística Aplicada.

## EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

**Luciana Casagrande Pereira**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**Luiz Felipe Leprevost**

Editor

**Omar Godoy**

Redatores

**Hiago Rizzi**

**Isabella Serena**

**Luiz Felipe Cunha**

Estagiários

**Juliana Sehn**

**Leo Marino**

Design Gráfico

**Rita Solieri**

Diagramação

**Junior Milek**

Colaboradores desta edição

**Ana Botner**

**Daniel Arelli**

**Hannah Arendt**

**Larissa Maira**

**Richard Roch**

Ilustração de capa

**Ju Coelho**

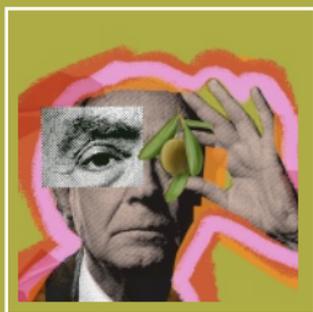


# Cândido

[imprensa@bpp.pr.gov.br](mailto:imprensa@bpp.pr.gov.br)

[candido.bpp.pr.com.br](http://candido.bpp.pr.com.br)

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

